

O guarda-memória

Philippe Lejeune

É uma bonita expressão. A meio caminho entre o francês *aide-mémoire* (a apostila que fornece ao estudante as informações essenciais que ele tem de guardar, literalmente um “ajuda-memória”) e o guarda-comida, entre o armário e o lembrete. Miosótis ou *forget me not*. Amarrar um barbante no dedo. Conservar a vida em local fresco...

Gosto dessa expressão porque ela apenas fala em memória, sem deixar muito claro quem guarda e quem é guardado. O universo das histórias de vida é repleto de pessoas que têm poder. Há os que sabem e os que cuidam, os médicos-chefes e os enfermeiros. Há os que debatem idéias e os que executam tarefas. Há os que ordenham a vida dos outros e, tal como se faz com o leite para virar manteiga, batem-na até virar tese. Há os que a arquivam. Sei disso, porque fiz de tudo isso um pouco. Não se pode escapar do poder. Pode-se simplesmente tentar partilhá-lo.

Essa bonita expressão é de Robert Guillermet, ator, animador, autor de um texto autobiográfico inédito, *J'ai jamais su quoi faire après*. Vejamos um pequeno trecho. Uma refeição em família: papai, mamãe e o pequeno Robert.

Nota: Este texto foi publicado pela primeira vez em francês em *Le groupe familial*, nº 147 (“Mémoires de vie et identité”), abril-junho de 1995. Esta tradução é de Dora Rocha.

“Mesmo no Natal eles brigavam. Era quase pior, porque durava mais tempo, rendia mais. Começava naturalmente, quase com um sorriso, ou com o que restava dele. Quando chegava o prato de legumes os ânimos estavam mais exaltados. Pela altura do prato de carne um dos dois poderia pôr um revólver sobre a mesa. Carregado. O tiro poderia ser disparado na hora do *camembert*.”

Você quer ler a continuação. Pode consultar o *Garde-mémoire* – o guarda-memória –, catálogo descritivo do acervo de textos autobiográficos reunidos pela Association pour l'Autobiographie em Ambérieu-en-Bugey (Ain, França). Código: APA 69. É um texto datilografado de 85 páginas. Você então pega um avião (para Paris), depois um trem (para Ambérieu via Lyon), e em seguida se informa sobre o horário de abertura de La Grenette. É um belo edifício, o antigo mercado de grãos da cidade, hoje transformado em biblioteca. No primeiro andar nossa associação tem suas estantes, seus fichários, suas caixas de arquivos. Se você não puder vir, nós o poremos em contato com Robert Guillermet. Mas talvez tenhamos um exemplar que possa circular... Buscamos todos os meios de tornar os textos acessíveis à leitura sem editá-los. Estamos apenas começando. Nossa associação foi fundada em 1992, há cinco anos. É toda uma história. Ei-la a seguir.

Textos expectantes

Na origem, a percepção de um pedido. Existe uma imensa população de textos... *expectantes*.

Nos anos 1980, eu lançava apelos na imprensa e no rádio: procurava relatos autobiográficos escritos no século XIX. Muitas vezes recebia respostas que começavam assim: “Não possuo um relato do século XIX, mas tenho alguma coisa que, embora mais recente, acho que poderia interessá-lo...”. E era a sua própria autobiografia que o meu correspondente me propunha. No começo, devo confessá-lo, isso me fez sorrir. Depois, pensar. Levei um certo tempo para tomar consciência da extensão do pedido de leitura para o qual a sociedade francesa praticamente não oferece resposta.

A indústria editorial não pode se interessar senão por um pequeno número de histórias de vida: de escritores conhecidos, pessoas famosas (que em geral mandam outros escreverem!) ou testemunhos de impacto sobre um tema da atualidade. Os recusados às vezes se consolam com edições do autor (do tipo “Pensée Universelle”).¹ Nos últimos 20 anos, cerca de mil relatos autobiográficos foram publicados nessa coleção. Todas as misérias e quimeras encontram aí seu refúgio, mas também todo o corriqueiro e o cotidiano da vida, guerras, amores; infâncias, andanças, fracassos e êxitos. Ninguém se dispõe a ler esses livros, e menos ainda a estudá-los.

Há uma indiferença semelhante pelas autobiografias comuns nos meios científicos que, no entanto, deveriam se interessar por elas.² Sociólogos, psicólogos, terapeutas ou professores privilegiam a história de vida oral que eles provocam e podem controlar. Mostram-se desconfiados em relação a relatos escritos espontaneamente fora de seu controle. Quanto aos arquivistas, têm medo de ser invadidos por uma avalanche de diários e de autobiografias, testemunhos pouco confiáveis e suspeitos. Os escritos de um homem comum só lhes interessam se ele estiver morto há muito tempo. Que ninguém ouse se apresentar vivo aos Arquivos Departamentais com seu diário debaixo do braço...

Dei início uma pesquisa para inventariar essas necessidades e especialmente para ver quem, na França, mantinha um diário íntimo.³

Organizei em Nanterre, em 1991, uma jornada de estudos sobre os “arquivos autobiográficos”⁴ para divulgar na França as respostas dadas em outros países a esse gênero de expectativa: concursos de autobiografias ou arquivos de um novo tipo, que recebem e *lêem* os relatos de pessoas vivas.

Existem dois modelos de concurso. Um é o concurso anual, que procura atrair todo tipo de autobiografia, escrita independentemente do concurso. É o caso da Itália, onde Saverio Tutino há dez anos vem organizando um concurso nacional a partir de uma pequena aldeia da Toscana, Pieve S. Stefano, cujos arquivos municipais abrigam hoje mais de duas mil autobiografias. Ou então há os concursos excepcionais, em geral dirigidos a categorias sociais específicas, e que reúnem textos escritos para a ocasião (fez-se muito isso na Polônia, na Finlândia e na Noruega). Pode-se ficar chocado ante a idéia de *classificar* e *premiar* textos autobiográficos. Mas esse procedimento valoriza o conjunto dos textos, pelo simples fato de que todos eles são *lidos* e em seguida conservados e abertos a novas leituras em locais públicos. Na França, o procedimento do concurso começa a ser praticado pelas grandes instituições, visando seus aposentados. Em 1993, o Ministério da Economia e Finanças lançou um concurso de autobiografias voltado para os aposentados do Tesouro; em 1995 foi a vez dos Correios, que fez o mesmo para seus chefes de agências. Participei do júri desses dois concursos, apaixonadamente.

Nada disso existia em 1991, quando organizei a jornada de estudos em Nanterre. Depois de ter descrito as experiências estrangeiras, apresentamos, para a França, projetos interessantes mas demasiado ambiciosos de arquivamento, coleta ou concurso. Nenhum dos projetos de que se falou naquele dia sequer começou a ser executado. Em compensação, uma participante, Chantal Chaveyriat-Dumoulin, propôs algo mais modesto: fundar uma associação. No início de 1992, a idéia se concretizou. Éramos 15. Hoje (1997), a Association pour l'Autobiographie et le Patrimoine Autobiographique (APA) conta com cerca de 500 membros. Ela edita um jornal que sai três vezes por ano, chamado *La*

Faute à Rousseau.⁵ Todos os anos, em março, ela organiza em Paris uma mesa-redonda (1993: “A partir de um diário íntimo, que fazer?”; 1994: “Por que, como, ler autobiografias?”; 1995: “Escrever, descrever os próprios pais”; 1996: “Sofrimento e escrita autobiográfica”; 1997: “Publicar a própria vida?”)⁶. No verão, um fim de semana é dedicado às Jornadas da Autobiografia em Ambérieu (em 1997: 5 e 6 de julho). Há vários grupos de trabalho no interior da França (Lyon, Marseille, Strasbourg, Tours...) e em Genebra. Um grupo parisiense reflete sobre os problemas da escrita autobiográfica. Mas a base mesmo de nossa atividade é a leitura.

Como os textos chegam até nós?

Nós lemos tudo o que nos enviam.

Não optamos pelo procedimento do concurso. Queremos nos manter à distância das relações de poder ligadas a toda forma de escolha. Nossa idéia é mais a de uma convivência igualitária. Numa sociedade saturada de mecanismos de seleção e de exclusão, queremos criar um lugar onde se ouve e se acolhe. Sentimos como que uma nostalgia de maio de 1968, ou das velhas idéias evangélicas e democráticas um tanto ingênuas. Deixamos vir a nós todas as autobiografias. Queremos lê-las sem “estudá-las”. Apreciá-las sem “avaliá-las”. Torná-las acessíveis à leitura sem “publicá-las”. Tal programa às vezes causa espanto, às vezes reprovação. É difícil fazer entender que não somos nem editores, nem críticos, nem pesquisadores, nem professores. Somos leitores. Ou melhor, ledores.

Apelos no rádio, artigos na imprensa revelam nossa existência e nossos objetivos. Em 1996, por exemplo, jornais e revistas tão diferentes como *Libération*, *Elle*, *Télérama*, *Le Point*, publicaram reportagens sobre o diário íntimo, sobre nossas atividades, e divulgaram nosso apelo. O correio com as respostas chega a Ambérieu. Pedidos de informação ou de conselho. E às vezes, após algumas sondagens, algumas pessoas nos enviam um texto autobiográfico inédito. Em cinco anos, recebemos mais de 300 textos, cerca de 60 por ano. Em geral datilografados, às vezes fotocópias de manuscritos, mais raramente originais. É um número modesto: mas não queremos provocar um grande afluxo de doações, para não decepcionar com demoras muito grandes em responder – pois somos poucos. O texto é registrado em nosso acervo, examinado por alto para tomarmos contato, e uma carta-recibo é enviada ao remetente (que em geral é também o autor). É possível doar o texto fechando seu acesso ou enviar textos cuja cessão definitiva só será feita por morte do doador.

O texto é então enviado ao grupo de leitura de Paris. Esse grupo, coordenado por Simone Ayard e Jacqueline Brisson, se reúne aproximadamente

de cinco em cinco semanas. Longas tardes de trabalho, que terminam em torno de um jantar. O grupo compreende atualmente 15 membros em Paris e, em Ambérieu, Michel Vannet, presidente da APA e bibliotecário da cidade, e Chantal Chaveyriat-Dumoulin, nossa fundadora, os quais se encarregam de receber os manuscritos. Os textos inéditos são apresentados rapidamente e divididos entre os membros do grupo, em função de seus interesses. Quando alguém pega um texto, compromete-se a fazer uma resenha: descrevê-lo (estrutura, estilo ou tom, objetivo, conteúdo) e dar uma idéia dele, mas nunca julgá-lo negativamente. Se alguém realmente não gostar de um texto, deve trazê-lo de volta e passá-lo para outro que tenha melhores condições de perceber seus aspectos positivos. Pois, se coletivamente o grupo tem essa atitude receptiva, os indivíduos conservam sua liberdade, o que faz com que se valorize suas preferências.

Ler um manuscrito que chega pelo correio é uma verdadeira aventura. Como os “leitores” de uma editora, estamos diante de uma produção que não foi triada. Mas não nos cabe fazer triagens! Não temos nenhuma decisão a tomar! Pomos mãos à obra, prontos para todas as surpresas e com toda a paciência, decididos a ler até o fim. Não por sentimento de dever. Por curiosidade. Simpatia antecipada por quem decidiu se exprimir. Apetite por essas vidas, suas maneiras de falar de si, sua trajetória e suas crises, que vão entrar em ressonância com outros relatos já lidos. Para nós, esses textos são vozes numa partitura polifônica. Nossa leitura é acompanhada de um trabalho de compreensão. A compreensão não se manifestará de uma maneira abstrata, mas nos ajudará a redigir a resenha para o *Garde-mémoire*, e a escrever ao autor. Nossas reservas, quando as temos, são apenas sugeridas entre linhas. Só as manifestamos ao autor na medida em que ele nos parece ser capaz de aceitá-las e de tirar delas real proveito. Fazemos antes a crítica das belezas, simplesmente porque uma vida que se conta raramente é desprovida delas.

O que há dentro do nosso Garde-mémoire?

Em quatro anos (março de 1992 – março de 1996), recebemos 234 textos, 121 escritos por mulheres, 113 por homens. Recebemos majoritariamente textos escritos por pessoas que hoje têm entre 55 e 85 anos. Duas lacunas evidentes, para quem e para além. Temos poucos textos escritos no século XIX. Constituímos o patrimônio de amanhã com relatos de pessoas de hoje. O patrimônio de ontem, a despeito dos nossos apelos, não chega às nossas mãos. Esperamos que chegue aos arquivos e às bibliotecas: nosso trabalho consiste também em encaminhá-los para essas instituições e sensibilizar arquivistas e bibliotecários para os escritos comuns. Segunda lacuna: os escritos dos mais jovens. Nossa associação, com suas idéias de arquivo e de patrimônio, não

combina com os jovens. Muitas vezes eles não hesitam em destruir ou em perder seus escritos íntimos, e se lhes dão importância, não vêem nenhuma razão para se separar deles. Para essa faixa de idade, a função de coleta é mais bem exercida pela associação “Vivre et l’écrire”, de Orléans. Uma centena de diários de adolescentes está arquivada aí. “Não queime o seu diário, você se arrependerá mais tarde. Entregue-o a nós, e nós o guardaremos para você, sem o ler, se você não quiser.” Esse oferecimento é ouvido por adolescentes que adquiriram confiança graças à utilização da rede de correspondentes adultos que “Vivre et l’écrire” coloca a seu dispor.

Quantas páginas é preciso para alguém contar a sua vida? – Toda a sua vida? Mas uma vida pode ser tomada no atacado ou no varejo. Pode ser contada do começo ou do meio... Consulto o índice dos *Garde-mémoire* na classificação por gênero. Os números são os seguintes:

Relatos

<i>Relatos de uma vida em seu conjunto</i>	71
<i>Relatos de infância e juventude</i>	48
<i>Relatos de um episódio mediano</i>	55
<i>Relatos da história de uma família</i>	17

Diários

<i>Diários de infância e juventude</i>	13
<i>Diários de adultos</i>	27
<i>Diários de um episódio</i>	15

Temos muito menos diários (55), quando esta é a atividade mais difundida. Mas os diários são também os textos mais íntimos, mais difíceis de serem lidos por outros, mais frágeis. A pessoa pode entregar o diário de um episódio. Pode passar a limpo um período já distante, o que é uma espécie de ato autobiográfico. Certos diários foram concebidos desde o começo como exercícios literários, foram escritos para serem lidos. Mas como uma pessoa viva poderia se separar de um diário realmente íntimo, mantido ao longo de toda uma vida, e que ela continua a escrever? e deixar que seja lido, como um documento bruto, por desconhecidos?

Isso só aconteceu três vezes desde o começo da nossa associação, e a cada vez foi uma aventura. Um homem de cerca de 60 anos, homossexual, acabou por se comprometer a nos dar uma cópia dos 60 e tantos cadernos que escreveu desde a juventude. Ele nos envia os cadernos de um em um, ou em pequenos pacotes que ele ilustra ou acopla a fragmentos de ficções que escreveu em outros lugares. Uma mulher de 75 anos acaba de nos doar os 26 cadernos que escreveu a partir de 1938. Um diário manuscrito, íntimo, que se estende por milhares de páginas, não pode ser lido da mesma maneira como se lê um texto autobiográfico datilografado de 120 páginas. Sua leitura exige um enorme

investimento afetivo, além de tempo. Uma relação especial se estabeleceu entre a leitora que se encarregou do diário e sua autora. Finalmente, uma mulher mais moça, de 56 anos, nos confiou seu diário dos últimos 20 anos – e aí uma solução diferente foi inventada: um grupo de seis leitoras, em Lyon, dividiu o trabalho, cada uma lendo apenas dois ou três cadernos e trocando, nas suas reuniões, as impressões dessa leitura em *puzzle*.

Os relatos, em geral datilografados, apresentam uma enorme variedade de tamanho (de 2 páginas às 900 e tantas de *Ma famille*, de Christiane Buret-Cohen), de tom e de conteúdo. Comportadas crônicas familiares ou ardentes acertos de contas. A prosa mais simples ou a prosa “escolar”, a prosa literária mais clássica ou a mais moderna, mas também poesia: recebemos de Hubert Lesigne, por exemplo, um relato de juventude em versos *à la* Claudel que tem um fôlego e um sabor extraordinários... O charme dessas leituras é seu caráter imprevisível. Antes de abrir o texto, não sabemos se o autor nos reserva ou não o prazer da linguagem. Ao cabo de duas páginas conhecemos sua intenção, literária ou não, mas não o resultado a que chegará. Textos muito simples nos emocionam. Elaborações muito estudadas nos entediam. Nada está previamente decidido.

Uma leitura em diálogo

Os textos datilografados circulam entre nós, têm em geral vários leitores. Trocamos nossas impressões, e o prazer do texto ocupa aí um lugar importante. Embora desejemos permanecer distantes de qualquer atividade de edição (é a nossa regra de ouro), sentimos vontade de fazer os outros conhecerem aquilo que amamos. Nossa mesa-redonda anual é seguida de uma seção de leitura: trechos de autobiografias são lidos em público, uma voz de homem e uma voz de mulher. Das primeiras vezes recorremos a jovens atores. Hoje lemos nós mesmos. Nossa desculpa para essa antologia é que ela é efêmera (não há publicação) e atrai para o nosso *Garde-mémoire* leitores que descobrirão ali todos os outros textos.

Acontece também de lermos um texto enquanto ele está sendo escrito. A maioria dos membros militantes da APA pratica a autobiografia e às vezes fica feliz de encontrar um leitor amigo que acompanhe seu trabalho. Foi assim que recebi, semana após semana, como um folhetim, os capítulos de uma autobiografia, ou li, a pequenos intervalos, suas versões sucessivas. O que dizemos ao autor às vezes repercute na continuação do trabalho. Dizemos sempre muito pouco: ele sabe o que quer fazer. Trata-se antes, para ele, de testar se conseguiu. No meio do nevoeiro somos um eco que lhe indica que ele está no seu caminho e que às vezes lhe aponta um obstáculo...

Todos os anos, no fim de junho ou começo de julho, vemos os textos que lemos se tomarem homens e mulheres de carne e osso: os encontros de Ambérieu não têm nada a ver com seminários. Durante dois dias, em torno de oficinas e de espetáculos, e de boas mesas, todos ficam se conhecendo. O autor descobre desconhecidos que conhecem sua vida íntima, ou a história de sua família, não melhor que ele, mas tão bem que é perturbador... O leitor dá uma voz a um estilo e continua sua leitura em diálogo. Alguns autores voltarão a Ambérieu no ano seguinte. Outros apenas passam pela APA, depois de ter constatado que sim, escrever permite encontrar seres humanos. Outros, ao contrário, fixam-se na APA provisoriamente, mudando de papel. Sem nos conhecer, tinham-nos enviado um texto para ler, e acabam entrando para o grupo de leitura a fim de ler os textos dos outros.

Ter-se-á talvez sorrido, ou ficado irritado, no começo, quando declarei guerra às relações de poder. A reciprocidade permite suspendê-las um pouco. Temos esperança de que os textos autobiográficos às vezes possam escapar do julgamento final da edição ou do cemitério dos arquivos, do escalpelo do sociólogo ou da terapia do professor. Tudo isso é necessário, mas também que exista um espaço neutro, onde eles possam respirar e relaxar. Nós somos o pátio de recreio das histórias de vida. O que oferecemos é modesto, e deverá continuar a sê-lo. Nossa associação deseja crescer, mas não muito: o poder reapareceria com a necessidade de organização. Esperamos de preferência que outros criem, de maneira independente, e sem dúvida diferente, espaços de liberdade análogos. Funde você sua própria associação...

Se você quiser conhecer a nossa, informe-se, filie-se. A Association pour l'Autobiographie tem membros na América, na Austrália, no Japão e na maior parte dos países da Europa. Se não puder comparecer, num belo domingo de verão, ao tradicional piquenique no pátio do castelo dos Allymes, em pleno Bugey, encomende e leia nossos *Garde-mémoire*, duas brochuras de 80 e 120 páginas (120F as duas); todos os textos recebidos estão aí descritos em resenhas que vão, dependendo do caso, de algumas linhas a duas páginas, com uma série de índices. Encaminhe-nos as pessoas que gostariam que sua vida fosse lida, ou os manuscritos que encontrar em seus sótãos. Lemos inglês, espanhol... E não hesite, se lhe parecer que chegou a hora, em escrever sobre sua própria vida. Nós o leremos, se você assim o desejar. Ou então guardaremos seu texto para os historiadores dos séculos XXI e XXII, nas belas estantes de La Grenette.

*Association pour l'Autobiographie et le Patrimoine Autobiographique
La Grenette, 10 rue A. Bonnet, 01500 Ambérieu-en-Bugey, France
tel: 04 74 38 37 31 e mail: grenette@wanadoo.fr*

Notas

1. Ver "Women and autobiography at author's expense", *The female autograph*, Donna C. Stanton (ed.), The University of Chicago Press, 1987, p. 205-218.

2. Há exceções notáveis. Ver o apaixonante conjunto de estudos dirigido por Daniel Fabre, *Écritures ordinaires*, POL, 1993, ou a defesa feita por Gérard Mauger do estudo das autobiografias escritas (em *Politix*, nº 27, 1994).

3. "Cher cahier...", témoignages sur le journal personnel recueillis et présentés par Philippe Lejeune, Gallimard, col. "Témoins", 1990, 250 p.; e "La pratique du journal personnel, enquête", *Cahiers de sémiotique textuelle* (Publidix, Université Paris-X Nanterre), nº 17, 1990, 198 p. Remontei em seguida ao passado para explorar as práticas das moças do século XIX (*Le moi des demoiselles*, Seuil, 1993). Ver "The 'journal de jeune fille' in Nineteenth Century France", in *Inscribing the daily*, Suzanne L. Bunkers e Cynthia A. Huffs (ed.), University of Massachusetts Press, 1996, p. 107-122.

4. "Archives autobiographiques", sob a direção de Ph. Lejeune, *Cahiers de sémiotique textuelle* (Publidix, Université Paris-X Nanterre), nº 20, 1991, 192 p.

5. *La Faute à Rousseau* é enviado aos membros da APA (assinatura anual: 200F; estudantes: 120F). Os números atrasados podem ser solicitados à sede da APA em Ambérieu (50F). Cada número contém um dossiê central em torno de um tema: "Sur quoi écrivez-vous?" (nº 5, fevereiro de 1994); "Lectures et lecteurs" (nº 6, junho de 1994); "Le Je à l'école" (nº 7, outubro de 1994); "Mémoire et photographie" (nº 8, fevereiro de 1995); "Écrire/décrire ses parents" (nº 9, junho de 1995); "La mémoire des lieux" (nº 10, outubro de 1995); "Récits de rêve" (nº 11, fevereiro de 1996); "Souffrance et autobiographie" (nº 12, junho de 1996); "Identité et nom propre" (nº 13, outubro de 1996); "Dire son métier" (nº 14, fevereiro de 1997); "Publier sa vie?" (nº 15, junho de 1997).

6. Os textos das mesas-redondas também estão disponíveis na APA (40F).

Recebido para publicação em março de 1997